

IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO CÃO-IDOSO PARA APRIMORAMENTO DA QUALIDADE DE VIDA EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG

Natália Carvalho¹
Marcela Pena Costa¹
Pedro Henrique de Oliveira Viadanna¹
Cristiana Nelise de Paula Araujo²
João Batista Ferreira dos Santos³
Paulo Roberto de Oliveira⁴

RESUMO: Terapia Assistida por Animais é uma modalidade de terapia que utiliza animais para promoção do bem-estar humano e animal. Vários animais podem ser utilizados e existem relatos do estudo terapêutico desta modalidade de atividade desde 1962. O período de vida humana está se prolongando e aspectos relacionados com a gerontologia devem ser investigados. Nosso trabalho estudou a relação de cães com idosos por meio de sessões terapêuticas em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) na cidade de Uberlândia-MG, nas quais participaram dois cães e realizadas atividades com 23 idosos, totalizando nove sessões de 1 hora cada, uma vez por semana. Foram observados níveis de atividade e interatividade. Ao longo das sessões, tivemos como resultados um aumento das atividades físicas, interação e autoestima, não apenas dos idosos, mas também dos terapeutas, acompanhantes, visitantes e funcionários das ILPIs.

PALAVRAS-CHAVE: Cães. Zooterapia. ILPI. Gerontologia. Terapia.

Importance of the dog-elderly relationship for improvement of quality of life in Institutions for Long Term Elderly Care in the city of Uberlândia-MG

ABSTRACT: Animal-assisted therapy is a form of therapy that uses animals to promote the human welfare and animal. Several animals can be used and there are reports of therapeutic studies of this type of activity since 1962. The period of human life is prolonged and issues related to gerontology should be investigated. Our work investigates the relationship of dogs with the elderly through therapy sessions in two Institutions for Long Term Elderly Care in Uberlandia-MG, which involved two dogs and activities conducted with 23 elderly, a total of nine sessions of 1 hour each once a week. We observed levels of activity and interactivity. Throughout the sessions, we had results as an Increase of physical activities, interaction and self-esteem, not just the elderly but also of therapists, caregivers, visitors and employees of the ILPIs.

KEYWORDS: Dogs. Zotherapy. ILPI. Gerontology. Therapy.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia (natyycarvalho@yahoo.com.br),(pmarcelac@gmail.com), (pedroh1986@gmail.com).

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (crisnelise@hotmail.com).

³ Mestre em Zootecnia pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia (joaos@famev.com.br).

⁴ Doutor em Epidemiologia Experimental Aplicada às Zoonoses pela Universidade de São Paulo e professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia (drroberto2003@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

A Terapia Assistida por Animais (TAA), também chamada *Pet Therapy* ou Zooterapia é uma modalidade de terapia que utiliza animais para promoção do bem-estar humano e animal. Podem ser utilizados vários animais, porém os mais comumente utilizados são os equinos (equoterapia ou hipoterapia), os cães (cinoterapia) e os falcões (falcoterapia) (ARANTES et al, 2006).

Os animais sempre estiveram próximo do homem participando de atividades de caça, tração, locomoção, pastoreio, guarda, companhia e tantas outras. Segundo Chieppa (2002), historicamente, a relação homem-animal é dividida em três períodos, sendo que, no último, começa a existir a concepção ética do animal e este passa a ser considerado também distribuidor de benefícios psicossociais.

A TAA foi utilizada por William Tuke, em 1792, no tratamento de doentes mentais. Uma modalidade de TAA, a equoterapia, teve seus primeiros relatos como tratamento médico no século XVIII, tendo em vista a melhora da coordenação, do controle da postura e do equilíbrio de pacientes com distúrbios articulares (DE PAUW, 1984). O psicólogo Boris M. Levinson (1962) postulou várias teses sobre a importância dos animais como ferramentas clínicas do processo terapêutico, sendo que, segundo ele, a forma como a criança concebe o animal difere da relação que ela estabelece com a boneca: a criança pode ver o animal como integrante de sua família e capaz de viver experiências semelhantes pelas quais ela passa.

Na década de 1980 (BECK; KATCHER, 1996), os psiquiatras Samuel e Elizabeth Corson usaram cães na psicoterapia em instituições psiquiátricas, num experimento com 50 pacientes com alto grau de introversão, tendo como resultado 47 pessoas que tiveram melhora clínica. A relação paciente-cão aumenta os sentimentos de autoestima, pois a responsabilidade de cuidar de outro ser que depende de atenção, carinho, produz laços de dependência e senso de responsabilidade com o outro, valorizando a vida do paciente, sendo que a vivência propicia maior confiança em si e no ambiente e a associação dessa proximidade com experiências prazerosas de afeto. Além de que os animais não olham para as pessoas com preconceito ou com asco devido a suas enfermidades.

De acordo com Cole et al. (2007), na zooterapia, a ligação entre humanos e animais faz parte integral do tratamento. Variações fisiológicas duram pouco tempo (de 2 a 12 minutos), com a interação homem-animal. Segundo o autor, os efeitos diagnosticados foram diminuição da pressão sanguínea e de batimento cardíaco (em pacientes com pressão alta ou normal) e aumento da temperatura periférica da pele. Benefícios psicossociais e emocionais foram observados em zooterapia durante 10 a 30 minutos de exposição do animal ao paciente. Os benefícios psicossociais foram: diminuição da ansiedade, isolamento, medo de procedimentos e aumento da interação social, suporte social, comunicação, estímulo sensorial, e felicidade.

Há, aproximadamente, 20 anos, diferentes programas vêm aplicando a TAA como catalisadora na recuperação da saúde mental, verificando aumento da comunicação, autoestima e capacidade de assumir responsabilidades (CORRECCIONAL SERVICE OF CANADA, 1998). Segundo Heine (1997), para a TAA levar a resultados satisfatórios no tratamento de distúrbios físicos,

mentais e emocionais, é necessária uma relação de simbiose entre terapeuta, paciente, animal e treinador, pois a interação com a equipe e com o animal proporciona, ao paciente, estímulos sensoriais e autoconfiança, que se refletem na socialização do indivíduo com o grupo.

A comunicação faz parte do tratamento do paciente sendo, inclusive, essencial para o processo de cura. No entanto, iniciar a comunicação pode ser uma grande dificuldade que pode partir tanto do cuidador quanto do paciente. Como é válido utilizar meios que possam facilitar o estabelecimento da comunicação, a TAA se torna um método importante. Freud utilizava seu cão durante as consultas, tendo em vista o fato de que a presença do animal contribuía para a tranquilidade do paciente, que conseguia expor melhor seus problemas e se comunicar mais. Na presença de animais, o estranhamento dá lugar à descontração e o animal abre um canal de comunicação (TELHADO, 2001).

De acordo com Connor e Miller (2000), foi observada uma influência na escala do movimento, cognição, força, contrapeso e paciência em pacientes em estado crítico, no momento em que foram utilizadas visitas com animais de estimação a esses pacientes.

Um estudo da TAA indicou que pacientes com déficit mental caminharam mais na companhia de um cão do que quando se encontravam solitários ou na presença de ajudantes (HERBERT e GREENE, 2001).

Segundo Kawakami e Nakano (2003), esses são alguns benefícios oferecidos pela TAA:

- Chamar os animais pelos nomes e também dar nomes aos filhotes constituem ótimos exercícios fonoaudiológicos para pacientes que possuem dificuldade de falar. Já aqueles que não falam, são estimulados a produzir expressões vocais;
- Acariciar, pentear e jogar bola para o cão é um excelente exercício de coordenação de movimentos, e, além disso, ajuda a controlar o estresse, diminuir a pressão arterial e reduzir os riscos de problemas cardíacos;
- Diminui a percepção de ansiedade;
- Diminui a percepção de dor;
- Foi constatado que os pacientes que mantinham contato com animais e também cuidavam deles, gastavam 16% a menos de medicamentos e saíam dois dias antes dos hospitais do que os doentes que não tinham essa oportunidade;
- Há uma diminuição da probabilidade das pessoas desenvolverem alergias e problemas respiratórios, já que o contato com animais aumenta as células de defesa e deixa o organismo tolerante a bactérias e ácaros;
- Os níveis de endorfina aumentam devido ao estímulo do animal, ajudando a minimizar os efeitos da depressão;

- Há considerável melhora no comportamento social, havendo diminuição da sensação de solidão e da inibição dos pacientes;
- Contribui na descontração do ambiente hospitalar;
- Os pacientes apresentam maior desejo de lutar pela vida;
- Há melhora nas relações interpessoais;
- A comunicação entre o profissional e o paciente é facilitada pela presença do animal.

As estimativas para os próximos 20 anos, considerando as tendências para as taxas de longevidade e fecundidade da população brasileira, mostram que a população idosa deverá exceder 30 milhões de pessoas, chegando a representar aproximadamente 13% da população (IBGE, 2000).

Além disso, de acordo com Andrews (2000), é preciso considerar outros aspectos importantes neste fenômeno, como o aumento da expectativa de vida em dezenove anos ao nascer em todo o mundo e o número de pessoas com cem anos de idade ou mais que deverá aumentar de 145 mil pessoas para 2,2 milhões até o ano de 2050. É uma das decorrências do processo de envelhecimento populacional é o aumento significativo na prevalência de doenças crônico-degenerativas. Dentre elas, destacam-se as demências, sendo a mais comum a Doença de Alzheimer (GAZZOLA; LEMOS; RAMOS, 2006), sendo que, segundo Green (2001), a cada cinco anos dobra a prevalência dessa doença entre pessoas com idade que variam de 65 a 85 anos.

A TAA é indicada para qualquer pessoa, seja idosa, adulta ou criança, com problemas psiquiátricos, portadores de deficiência física ou mental, com câncer ou qualquer outro tipo de enfermidade, estando o paciente domiciliado ou hospitalizado. Apesar de alguns artigos sugerirem que pacientes imunossuprimidos, suscetíveis a infecções oportunistas, com histórico de alergias, problemas respiratórios ou internados nas unidades de terapia intensiva não façam uso da terapia, alguns projetos descrevem visitas a esses pacientes, pois pesquisas revelaram que visitantes humanos transmitem mais infecções aos pacientes do que os animais, quando devidamente limpos e imunizados. A restrição real compete ao paciente que possui medo ou aversão a animais (KAWAKAMI; NAKANO, 2002).

Na velhice, mesmo tratando-se de idosos saudáveis, há uma perda na rede de relações: aposentadoria, perda do cônjuge, perda de amigos, filhos que se mudam para locais distantes, doenças que se tornam impeditivas e limitam a livre convivência, bem como a diminuição nos trabalhos voluntários (BEE, 1997; YUASO, 2000). Muitos idosos poderiam sentir-se, ao menos parcialmente, integrados nas atividades e relações de trabalho, se não fosse o início da demência de Alzheimer incidir sobre esta faixa etária. Além disso, a participação em grupos sociais de convivência envolvendo aposentados se torna restrita para os portadores da enfermidade, diminuindo a rede de apoio social (BUSSOTTI et al, 2005).

Baun e McCabe (2003) trabalharam com o tema TAA, ao pesquisarem evidências de que a presença de um animal de companhia pode aumentar a socialização de pessoas diagnosticadas com demência do

tipo Alzheimer e reduzir comportamentos de agitação nas diversas fases de evolução dessa doença.

De acordo com Leite (2004), em 1986, foi comprovada a eficácia da TAA em pessoas idosas ao ser verificado que pacientes acima de 78 anos de idade e com doença de Alzheimer, a princípio socialmente isolados, interagiram de forma positiva com um cão de terapia. As sessões amenizam os problemas emocionais, físicos e mentais vivenciados pelos pacientes idosos.

A relação homem-animal é talvez mais forte e mais profunda na velhice do que em outra idade, pois animais que promoviam segurança na juventude assumem maior importância na velhice como auxílio aos mais velhos na adaptação à sua mudança de “status”. Por isso especialmente pessoas idosas, consideram seus animais de estimação como membros da família. A interação entre humanos e animais constitui um relacionamento mutuamente benéfico e dinâmico que inclui, mas que não está limitado a interações emocionais, psicológicas e físicas, entre as pessoas, seus animais de companhia e o ambiente (SUTHERS-McCABE, 2001). De acordo com Raina et al. (1999), a posse de animais de estimação também mantém ou aumenta levemente os níveis de atividade da vida diária de pessoas idosas.

Segundo Serbin (2001), há muitos relatos de pacientes que surpreenderam a equipe que lhes prestava assistência ao conversar apenas quando entravam em contato com os animais, permanecendo em silêncio nos momentos anteriores àqueles. Era permitido aos pacientes brincar, acariciar, pentar e oferecer petiscos aos animais. Com a TAA, muitos pacientes sentem-se estimulados a produzir expressões vocais e, aqueles que podem recuperar a fala, o fazem de maneira mais rápida e agradável.

Ocasionalmente, o paciente pode perder a habilidade de falar, todavia pode ser que ele realmente não deseje conversar, mas as condições auditivas continuam intactas, portanto, é importante que o enfermeiro esteja atento ao olhar, que em muitos casos pode transmitir informações importantes. A atenção e cuidado se tornam então essenciais, especialmente quando o paciente possui distúrbios emocionais ou psicológicos, já que eles podem fazer menos contatos visuais com pessoas, além de possuírem comportamento instável, dificultando a comunicação (SILVA, 1996).

Medidas preventivas e observação rigorosa são essenciais para garantir o bom andamento da TAA. Os animais devem ter o acompanhamento do médico veterinário, que deve garantir o bom estado sanitário do animal e minimizar o potencial zoonótico, especialmente para pacientes imunossuprimidos, como os idosos. Zoonoses, mordeduras e alergias são os itens mais preocupantes em um programa de TAA, porém estes podem ser controlados, reduzindo os riscos a níveis mínimos tanto para os pacientes quanto para os profissionais envolvidos (BRODIE; BNURS; SHEWRING, 2002).

Por meio de uma avaliação criteriosa do temperamento individual do animal e do comportamento inerente à espécie e raça escolhida, podem-se evitar agressões por parte dos animais, sendo essencial também avaliar a existência ou não de empatia entre o animal e o paciente. Os pacientes com fobias ou aversão a animais não devem ser incluídos em programas de TAA, assim como pacientes alérgicos (PTAK; HOWIE, 2004).

O benefício real na qualidade de vida dos pacientes está intimamente relacionado ao trabalho fundamental de uma equipe multidisciplinar que seja capaz de escolher o método mais adequado

a ser aplicado, acompanhando as atividades realizadas e monitorando o bem-estar tanto dos pacientes quanto dos animais (SAN JOAQUÍN, 2002).

A TAA pode ser aplicada em tratamentos diversos e tem apresentado resultados positivos em todas as áreas onde é utilizada, atuando como um estímulo para o tratamento dos pacientes. Vale ressaltar que a TAA por si só não tem a capacidade de curar uma enfermidade, mas seus efeitos colaboram significativamente na melhora dos pacientes (UNIVERSIA, 2005).

Este trabalho se justificou pela necessidade de melhorar a qualidade de vida dos idosos institucionalizados, visto que estes são, em sua maioria, carentes de afeto e apresentam sentimentos de solidão, abandono, depressão e isolamento. Os benefícios da TAA incluem descontração, motivação, promoção de sensação de companheirismo e as sessões podem proporcionar aumento da autoestima e melhor bem-estar do paciente (BEE, 1997; YUASO, 2000). Além disso, é importante a realização deste trabalho como um estímulo para o envolvimento de profissionais com formações diversas em projetos que tenham como objetivo contribuir de forma positiva para o bem estar do ser humano.

Este trabalho de extensão teve por objetivo desenvolver intervenções a partir de uma terapia alternativa visando à melhoria da função física, social, emocional e/ou cognitiva de pacientes humanos idosos residentes de duas instituições de longa permanência para idosos na cidade de Uberlândia-MG, como também proporcionar melhor qualidade de vida por meio da motivação, educação e recreação com o uso de cães para fins terapêuticos.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado durante um período de dois meses com um número de 23 pacientes residentes em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Foram realizadas visitas terapêuticas semanais durante este período, com duração de 60 minutos cada, com a presença de dois cães. Os animais utilizados foram selecionados atendendo a um perfil preconizado de alta sociabilidade, foram realizados testes de triagem de contato com os pesquisadores, além de triagem clínica-laboratorial, que incluiu como itens: exame coproparasitológico, hemograma, leucograma, histórico de saúde animal, frequência cardíaca, pulmonar, verificação de mucosas, palpação visceral, exames neurocomportamentais preconizados por Nelson e Couto (2006) e examinados por médicos veterinários do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia. Os animais foram diagnosticados saudáveis e não encontrando patógenos suficientes para serem reservatórios de qualquer tipo de doença infectocontagiosa.

Tais animais foram mantidos em locais higiênicos e receberam alimentação de boa qualidade (ração), água à vontade, cuidados sanitários, além de assistência veterinária constante. Os animais foram provenientes de proprietários residentes na cidade de Uberlândia, que concordaram em colaborar para este projeto. Portanto, continuaram residindo em seus respectivos lares e foram deslocados para as instituições somente no momento das sessões, retornando aos seus lares após a realização das mesmas.

Os participantes da TAA foram tratados com respeito durante todo o desenvolvimento do trabalho, o que inclui a preservação de sua identidade, já que foi criada uma ficha de identificação especial, na qual somente os integrantes do projeto tiveram acesso.

Foram mensuradas escalas de interesse, que tiveram a seguinte classificação: foi considerado indiferente o paciente que, naquele momento, não interagiu com o cão e a equipe executora; foi considerado motivado aquele que interagiu com o trabalho ao ser estimulado. Por fim, foi considerado muito motivado o paciente que tinha iniciativa de se dirigir a equipe executora e aos cães ou procurou entrar em contato com estes. Além disso, a equipe registrou as demais observações concernentes ao comportamento dos pacientes.

Na terapia os idosos acariciaram os cães, chamaram-lhes, passearam com a coleira, brincaram com bolinhas, pentearam-lhes e ofereceram-lhes petiscos, estimulando, dessa forma, a interação, ou seja, tiveram a total liberdade de interação com os cães terapeutas sem que o cão oferecesse riscos para os mesmos.

Durante as sessões, os membros da equipe executora foram um médico veterinário e psiquiatra, uma acadêmica do curso de psicologia e duas acadêmicas do curso de medicina veterinária. Foram avaliadas manifestações emocionais a partir do relacionamento e da interatividade dos pacientes com os cães, com a equipe executora e com outras pessoas, como os funcionários das instituições e os demais internos. As manifestações foram anotadas a partir da primeira visita da equipe executora nas ILPIs. Foram observados comportamentos como: sorriso, vontade de acariciar os animais, vocalização sem produzir palavras ou pela verbalização, diminuição de brigas e discussões, aumento da interação e socialização dos idosos com os cães, equipe executora do projeto e com os outros idosos moradores da mesma instituição. Durante e após as sessões, os idosos foram observados pela equipe multidisciplinar que acompanhou indicadores de melhora, como diminuição da ansiedade e irritabilidade, aumento das manifestações de afeto, interesse no animal e melhora na memória dos pacientes.

RESULTADOS

Verificou-se que, no início da TAA, os pacientes estavam tímidos, distantes dos cães e dos pesquisadores, havendo pouca aproximação. No entanto, com a evolução do trabalho, houve melhora do diálogo com os pesquisadores e maior aproximação com os cães. Os pacientes, com frequência, solicitavam informações de retorno da equipe para novas sessões. Houve um aumento da intimidade tanto com os animais quanto com a equipe. Ao longo do período do projeto, foram observados mais manifestações de sorrisos; vontade de acariciar e a própria ação do acariciamento dos animais; vocalização sem produzir palavras ou pela verbalização; diminuição de brigas e discussões; aumento da interação e socialização dos idosos com os cães, equipe executora do projeto e com os outros idosos moradores da mesma instituição.

Houve um aumento da interatividade dos idosos com a presença dos animais, pois a equipe percebeu que, ao longo do período do projeto, os idosos passaram a ir com maior frequência

até os cães ou pedir que fossem levados os animais até aqueles que não conseguiam andar para brincar com eles, sendo que os idosos que não falavam sinalizavam esse interesse por meio de sons e gestos. Também foi observado aumento do bem-estar dos terapeutas, sendo que o cão atuou como facilitador de uma transferência de sentimentos de via dupla, em que não apenas os pacientes se sentem bem, mas os terapeutas também. A partir do vínculo de transferência construído em/entre terapeutas, cães e idosos, os próprios terapeutas perceberam sentimentos decorrentes dessas relações construídas durante a execução do projeto.

Os participantes das sessões usualmente perguntavam a respeito dos cães nos dias em que a sessão não estava programada para ser realizada. A equipe executora observou que a presença dos animais promovia descontração no ambiente, além de os cães se tornarem figuras de companheirismo e símbolos de amizade para os idosos.

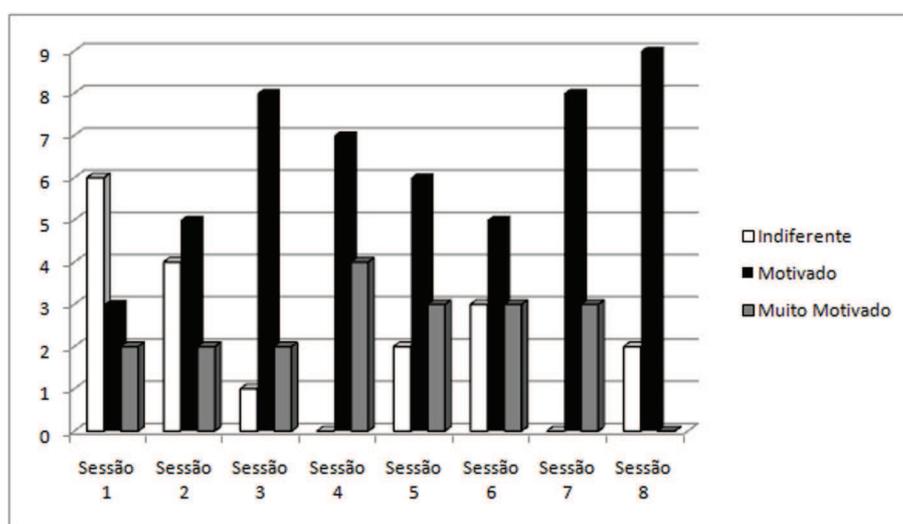


Figura 1 – Evolução das manifestações emocionais observadas na instituição A.

Durante a primeira sessão, a maioria dos idosos na instituição A (aproximadamente 54%) se mostrou indiferente aos animais e às atividades proporcionadas pela equipe executora. Todavia, durante a oitava sessão, a maioria deles (em torno de 81%) já estava motivada, ou seja, houve um aumento gradativo da interatividade entre os pacientes e os cães, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

Na instituição B, a variação observada quanto ao número de pacientes que eram indiferentes aos animais na primeira sessão e na última foi: enquanto 61% dos idosos manifestavam indiferença na primeira sessão, apenas 30% se comportaram dessa maneira na oitava sessão terapêutica. Ademais, na sétima sessão, nenhum idoso foi considerado indiferente, enquanto que aproximadamente 54% estavam muito motivados. O progresso das sessões está demonstrado no gráfico abaixo:

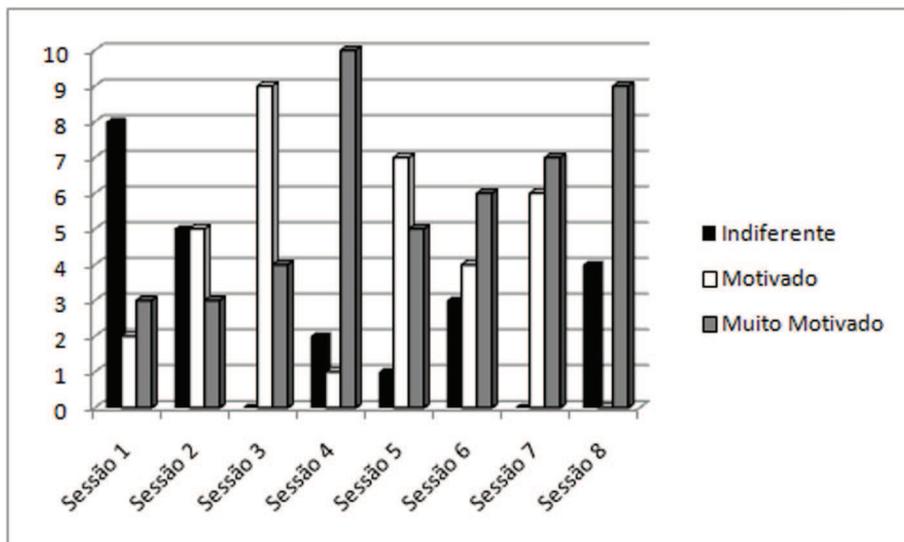


Figura 2 - Evolução das manifestações emocionais observadas na instituição B

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções realizadas por meio do projeto proporcionaram aos idosos um aumento da capacidade de comunicação, seja pela fala ou não, da interação e da socialização dos pacientes com os cães, com a equipe executora e com outras pessoas, como os funcionários das instituições e os demais internos. Possibilitou, também, a diminuição da ansiedade e irritabilidade, aumento da autoestima, aumento das manifestações de afeto, interesse no animal e melhora na memória dos pacientes. A TAA promoveu uma movimentação da dinâmica das ILPIs nas quais o projeto de extensão foi realizado, produzindo descontração no ambiente, além de amenizar os sentimentos vivenciados por eles, como abandono, depressão e solidão.

Os terapeutas puderam observar esse aumento do bem-estar entre os idosos a partir da relação de transferência estabelecida entre terapeutas, cães e idosos. Os terapeutas perceberam, também, que os cães se tornaram figuras de companheirismo e símbolos de amizade para os idosos.

A atividade teve êxito acima do esperado e foi importante por repercutir o papel social dos acadêmicos da Universidade Federal de Uberlândia-MG em relação à comunidade externa à instituição. Este conhecimento em nível experimental foi de grande importância para a melhoria do bem-estar dos idosos envolvidos. Também a multidisciplinaridade, conceito máximo almejado dentro da academia, foi alcançada de maneira dinâmica e criativa nesta atividade social-terapêutica.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, G. A. Los desafíos del proceso de envejecimiento en las sociedades de hoy y del futuro. In: ENCUENTRO LATINOAMERICANO Y CARIBEÑO SOBRE LAS PERSONAS

DE EDAD, 1999, Santiago. **Anais...** Santiago: CELADE 2000. p. 247-256.

ARANTES, L. G. et al. Participação do médico veterinário na escolha e treinamento de cavalos para a prática de equoterapia. **Veterinária Notícia**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 18, set. 2006.

BAUN, M. M.; McCABE, B. W. Companion animals and persons with dementia of alzheimer's type. **American Behavioral Scientist**, Princeton, v. 47, n. 1, p. 42-51, set. 2003.

BECK, A. M.; KATCHER, A. H. **Between pets and people: the importance of animal companionship**. New York: GP Putnam's Sons, p. 134, 1996.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRODIE, S. J.; BNURS, F.C. B.; SHEWRING, M. An exploration of the potential risks associated with using pet therapy in healthcare settings. **Journal of Clinical Nursing**, Cardiff, v. 11, p. 444-456, 2002.

BUSSOTTI, A. E. et al. Assistência individualizada: "Posso trazer meu cachorro?" **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 195-201, 2005.

CHIEPPA, F. "A Pet Therapy": significado, origens, múltiplas aplicações. Um claro exemplo de pet therapy: a espantosa história de Robert Stroud (Elementos de Zooantropologia). 2002. p. 40-42. Disponível em: <<http://www.ao.com.br/pet.htm>>. Acesso em: 19 out. 2009.

COLE, K. M. et al. Animal-assisted therapy in patients hospitalized with heart failure. **American Journal of Critical Care**, New Jersey, v. 16, n. 6, nov. 2007.

CONNOR, K.; MILLER, J. Help from our animal friends. **Nursing Management**, Chicago, v. 31, p. 42-46, 2000.

CORRECCIONAL SERVICE OF CANADA. **Pet Facilitated Therapy in Correctional Institutions: Literature Review**. p. 1-49, 1998. Disponível em: <http://www.csc-scc.gc.ca/text/prgrm/fsw/pet/pft_e.rtf>. Acesso em: 30 abr. 2007.

DE PAUW, K. Therapeutic horseback riding in Europe and America. In: ANDERSON, R. K. **The Pet Connection: it's influence on our health and daily life**, 1984. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, n. 10, jan. 2008.

GAZZOLA, J. M.; LEMOS, N. D; RAMOS, L. R. Cuidando do paciente com Alzheimer: o impacto da doença no cuidador. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 170-179, set./dez. 2006.

GREEN, R. C. Avaliação do paciente idoso com problemas cognitivos. In: GREEN, R. C. **Diagnóstico e tratamento da doença de Alzheimer e outras demências**. Rio de Janeiro: PUC. p. 21-43, 2001.

HERBERT, J. D; GREENE, D. Effect of preference on distance walked by assisted living residents. **Physical and occupational therapy in geriatrics**, New York, v. 19, p. 1-15, 2001.

HEINE, B. Introduction to hippotherapy. **Narha Strides**, Woodside, v. 3, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://narha.org/partipants/Archives.asp>>. Acesso em: 30 abr. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**: 2000. Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica: IBGE, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfilidosos2000.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2009.

KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. Animal Assisted Therapy (ATT): another resource in the patient-nurse communication. **Nursing**. São Paulo; v. 6, n. 61, p. 25-29, jun. 2003.

LEITE, C. **Terceira Idade agora tem terapeuta de estimação**. 2004. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com.br>>. Acesso em: 17 out. 2009.

LEVINSON, B. The dog as co-therapist. **Mental Hygiene**, New York, v. 46, p. 59-65, 1962.

NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 1-500. 2006.

PTAK, A. L.; HOWIE, A. R. Pet partners helping hospice patients. **Interations**, v. 23, n. 1, p. 4-13, 2004.

RAINA, P. et al. Influence of companion animals on the physical and psychological health of older people: an analysis of a one-year longitudinal study. **Journal of the American Geriatrics Society**, New York, v. 47, n. 3, p. 323 – 329, 1999.

SAN JOAQUÍN, M. P. Z. Terapia assistida por animales de compañía: bienestar para el ser humano. **Temas de Hoy**, p. 143-149, 2002. Disponível em: <<http://www.medynet.com/elmedico/publicaciones/ctrosalud2002/3/143-149.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2007.

SERBIN, S. Sweet Repeats. **The bond**: newsletter of the SF/SPCA Animal Assisted Therapy Program, San Francisco, v. 3, n. 1, p. 1, fev. 2001.

SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 4. ed. São Paulo: Gente, 1996.

SUTHERS-McCABE, H. M. Take one pet and call me in the morning. **Generations**, Califórnia, v. 25, n. 2, p.93-95, 2001.

TELHADO, J. Animais ajudam a curar doenças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 set. 2001.

UNIVERSIA. **UNESP / Botucatu utiliza zooterapia**. Disponível em: <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_dentrodocampus_cahjh.html>. Acesso em: 16 out. 2009.

YUASO, D. R. **Treinamento de cuidadores familiares de idosos de alta dependência em acompanhamento domiciliário**. 2000. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação / Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

Submetido em 29 de junho de 2010
Aprovado em 9 de setembro de 2010